

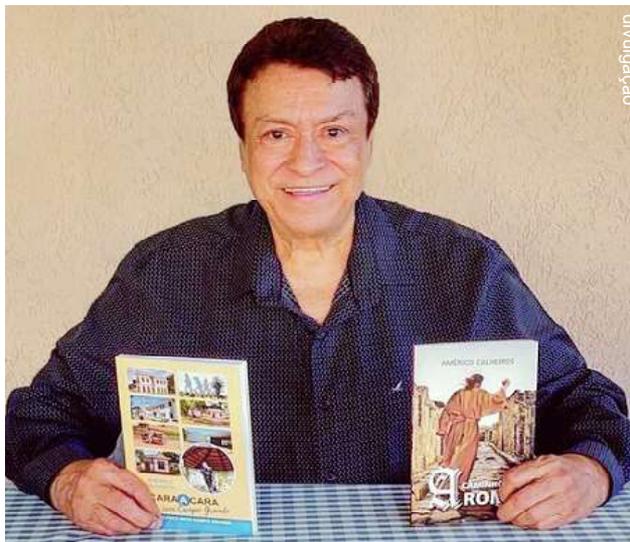


A CAMINHO DE ROMA, de Américo Calheiros

Raquel Naveira

A *Caminho de Roma* é o título do livro de poemas com voltagem de preces de Américo Calheiros. Roma, a capital da Itália, a enorme cidade cosmopolita, com mais de três mil anos de arte, arquitetura, cultura. Roma das ruínas do Fórum e do Coliseu evocando o poder do antigo Império Romano. Do Vaticano com seus museus e afrescos de Michelângelo na Capela Sistina. Cidade das Sete Colinas, Cidade Eterna, berço da civilização ocidental cristã. Palco do embate perpétuo entre forças pagãs, politeístas e a revelação do monoteísmo, de um único Deus, que dera o seu próprio Filho em sacrifício pela salvação dos homens. Foi ali que a doutrina de Cristo, que pregava o amor e a ajuda ao próximo, indicava um rompimento com o passado e uma nova atitude na história do espírito humano. À medida que a decadência do Império se acentuava, a força do cristianismo crescia. O Estado trazia sofrimentos, ao passo que a adesão ao novo culto representava conforto material e moral. As pessoas voltaram-se para o credo que lhes trazia calma na agitação, certeza na dúvida e solução para uma multidão de problemas. Entregavam assim o controle de suas vidas interiores a um Ser superior, maior do que eles.

Há dois poemas nesta coletânea denominados *Qwo Vadis, Domine?*, que significa "Aonde vais, Senhor?". No primeiro, Américo relata que Jesus apareceu a Pedro que deixava Roma para escapar à perseguição do cruel Imperador Nero. Quando indagado pelo apóstolo: "- Aonde vais, Senhor?", respondeu: "- Já que abandonas a meu povo, vou a Roma para ser crucificado outra vez." Assim nos conta o poeta: "O apóstolo da inquietude/ Feito lança em seu peito/ Capta o sentido do dito/ E se envergonha na alma." No poema *Qwo Vadis, Domine? II*, faz um painel do massacre dos cristãos e do martírio de Pedro, crucificado de cabeça para baixo, no território da hoje Basílica de São Pedro.



Américo Calheiros

Recordemos que *Qwo Vadis* é um romance do escritor polaco, Henryk Suenkiewicz, publicado em 1895, ambientado na Roma Imperial, à época de Nero e que tem por tema justamente a fúria que se abateu sobre os cristãos, após o Grande Incêndio de Roma. Narra o drama do general romano Vinícius, que descobre uma religião tomando conta de Roma: o cristianismo. Vinícius se apaixona por Lígia, seguidora da estranha seita. Lígia reluta em aceitar esse amor, pois pertencem a mundos diferentes. Há várias adaptações cinematográficas desse romance, sendo a mais importante o épico estadunidense de 1951, dirigido por Mervyn LeRoy. Esse filme com certeza ficou marcado nas lembranças do poeta Américo Calheiros que, como eu, deve tê-lo assistido numa matinê de domingo no Cine Alhambra, de nossa cidade, Campo Grande, ao sul de Mato Grosso.

O mundo divino fascina Américo, além da curiosidade intelectual, pois existe nele uma nostalgia característica do homem moderno. Poesia e Religião brotam da mesma fonte. O ato poético está inserido no campo do sagrado. Américo vive a experiência religiosa com uma mistura de razão e salto brusco na fé. É alguém que acredita em

transformação do ser humano. Conhecedor da Palavra, traz-nos suas leituras e reflexões personalíssimas sobre a identidade de Jesus/Deus em "Que homem é este?"; a figura controversa de Caim: "Abel era o *naif* contratempo ao esplendor de Caim"; o espanto de Noé diante da "impensável saga da arca"; a ambiciosa torre de Babel, "a escada do céu", cuja construção "faz da terra o mel do mel"; a fé inabalável de Daniel, jogado como o "farnel da cizânia aos leões"; a absurda ordem dada a Abraão de matar seu próprio filho: "Vá, Abraão, mate seu filho/ Por quem chorarás toda uma vida"; a mulher estátua de sal, que, "Curiosa, se fez morta petrificada"; o conflito desde o ventre entre Esaú e Jacó, "Na gênese das viscerais paredes"; José do Egito, vítima da inveja, "Moeda de tráfico, escravidão e vilania"; Moisés indignado de decepção ao ver o "boi de ouro"; a tensão entre Sansão e Dalila: "A fêmea e o macho se medem/ Divisam o anátema do prazer; a sabedoria lendária de Salomão que atravessa o tempo; o nascimento de Jesus em Belém "fazendo tremer ídolos das trevas"; o Espírito Santo pousado sobre Jesus no batismo nas águas do Jordão; "O diabo fingindo não saber/ Do Filho do Pai

o poder" atenta o incorruptível; Jesus deslizando sobre o barco no mar da Galileia; Jesus curando os dez leprosos, que receberam "a infinita luz"; Jesus expulsando a legião de demônios "Em desabalada e dantesca carreira/ Milhares de porcos possuídos pelo demônio"; Lázaro retornando da morte: "A morte nada conta/ Não carimba passaporte"; a adúltera que partiu em silêncio, salva das mãos dos acusadores que a apedrejariam; Maria Madalena, "enigmática pessoa bíblica", "apóstola dos apóstolos"; Jesus expulsando os vendilhões do templo; a traição de Judas, "bicho que se afoga em si mesmo"; Pedro chorando de arrependimento ao ouvir o cantar do galo, quando "a vida parou inexistente, oblíqua"; a cena de Pilatos lavando as mãos numa "poética performance"; o momento em que Cristo entrega seu espírito na cruz e tudo se consuma; a ressurreição misteriosa de Cristo fazendo arder as "vísceras de Roma"; a incredulidade de Tomé, que precisava ver para crer; "A espada de Dâmocles/ Na carótida do mundo" no apocalíptico "O Juízo Final" e "Maria Sagrada Presença", desde a anunciação de que seria mãe do Cristo até o calvário, num "extremado ciclo de dor e amor".

Com Américo, tomamos o caminho de Roma. Fizemos um passeio por essas estações tão queridas e admiradas do Velho e do Novo Testamento. Vêm-nos à mente as palavras do poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz: "O homem é um ser que se assombra, ao assombrar-se, poetiza, ama, diviniza."

Raquel Naveira - Campo Grande (MS) - é poeta, escritora e ensaísta. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, Academia Cristã de Letras de São Paulo e da Academia de Ciências de Lisboa.





Academia Estudantil de Letras - 18 anos

A sessão solene em comemoração aos 18 anos da Academia Estudantil de Letras foi realizada no auditório Prestes Maia da Câmara Municipal de São Paulo, no dia 30 de maio, promovida pela Secretaria Municipal de Educação.

A mesa foi composta pelo vereador Eliseu Gabriel - autor do Projeto de Lei que instituiu a AEL -, pela idealizadora e criadora do projeto Maria Sueli Fonseca Gonçalves e pelo professor Guilherme Cunha de Carvalho.

Estiveram presentes na solenidade a vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo Rosani Abou Adal, o vice-presidente da Academia Jovem de Letras de Campos do Jordão Gregório Paschoal Sabino, Luana Paschoal da Academia de Letras de Campos do Jordão, professores e ex-estudantes que fizeram a história do projeto.

O evento contou com a apresentação dos Trovadores Urbanos e de alunos que prestaram homenagem à educadora Suelizinha.

No dia 30 de maio de 2005, a professora de Letras Maria Sueli Fonseca Gonçalves criou, na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Padre Antônio Vieira, zona leste de São Paulo, a primeira Academia Estudantil de Letras que tem o mesmo nome da escola.

O projeto Academia Estudantil de Letras, laureado com vários prêmios no Brasil e no Exterior, foi instituído pela Secretaria Municipal de Educação, através da Portaria Nº 5.296 de 14 de agosto de 2015, para ser aplicado nas unidades educacionais do ensino médio e fundamental da Rede Municipal de Ensino.

Em 9 de setembro de 2020, no 467º aniversário da fundação de São Paulo, foi publicada pela Casa Civil a LEI Nº 17.459 que instituiu na cidade de São Paulo a Academia Estudantil de Letras, através do Projeto de Lei nº 584/19 do vereador Eliseu Gabriel (PSB).

Atualmente existem 192 AELs, nas 13 Diretorias Regionais de Educação (DREs). Os alunos escolhem seu patrono - um autor da Literatura para representá-los na Academia - e realizam seminários sobre os referidos escritores.



Gregório Paschoal Sabino, Maria Sueli Fonseca Gonçalves, Rosani Abou Adal e Luana Paschoal.

Pequenas recordações de Alfredo Fressia

Wilson Luques Costa

Conheci o poeta uruguaio Alfredo Fressia no Restaurante Apfel no Centro de São Paulo.

Por uma casualidade estávamos na fila do restaurante e começamos do nada a conversar.

Sentamos juntos e almoçamos uma comida meio vegana ou vegetariana.

Eu cheguei a frequentar algumas vezes aquele restaurante com alguns colegas da UBE, posto que eu tinha o hábito quase consuetudinário de visitar a UBE enquanto tentava sobreviver com a minha corretora de seguros.

Depois cheguei a encontrá-lo no Mosteiro de São Bento: eu como estudante diletante livre de grego e latim e ele como professor de francês.

No próprio restaurante deixei com dedicatória para ele e aos seus cuidados o meu primeiro livro *Contos de Arrabalde* que havia publicado há pouco.

Pouco tempo depois recebi pelo correio um cartão postal dele elogiando meus contos.

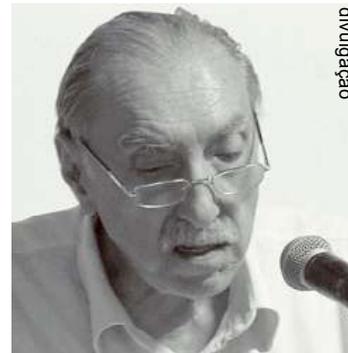
Lembro que no próprio cartão chegou a fazer um breve comentário elogioso sobre um ou dois contos daquele livro.

Certa feita, encontrei-o na livraria Duas Cidades.

Naquele dia presenciei um papo entre os dois poetas que eu admirava no lançamento de um livro do também poeta Donizete Galvão: Alfredo Fressia e Vicente Cechelero.

Recebi dois ou três livros dele pelo correio, envelopes e livros que guardo até hoje, com dedicatórias.

No Mosteiro de São Bento, só nos víamos rapidamente e quase não conversávamos.



Alfredo Fressia

Com o advento das plataformas digitais, tivemos uma amizade pelo Instagram e Facebook.

Ele vivia curtindo as fotos de meus filhos.

Eu cheguei a lhe encaminhar textos diversos que muitas vezes ignorava e nem respondia.

Mas quando postava fotos de meus filhos, era um dos primeiros a curtir.

Nesses dias, senti a sua ausência.

Fui no Instagram e vi que não postava nada há algum tempo.

Então fui pesquisar na Wikipédia e tive agora a triste notícia de sua morte em fevereiro de 2022.

Fiquei muito triste com a sua partida.

Poeta uruguaio que viveu o exílio no Brasil.

Ótimo poeta e ser humano.

Wilson Luques Costa - São Paulo (SP) - é poeta, escritor, jornalista e professor.

Formado em Jornalismo pela UMC/SP com especialização em Psicologia pela USP e em Filosofia pela Unesp.



LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Contato: (11) 97358-6255 - linguagemviva@linguagemviva.com.br
Assinatura anual R\$ 150,00 e semestral R\$ 75,00.

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Tiradentes, 1111 - Piracicaba - SP - 13400-760.

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Rosani Abou Adal

<https://www.facebook.com/rosani.adal/>

<https://www.youtube.com/@Rosaniabouadal>

www.poetarosani.com.br



UM AUTOR VERSÁTIL

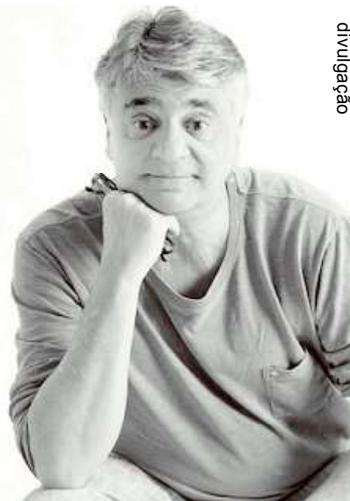
Ronaldo Cagiano

Carioca radicado atualmente em Portugal, o publicitário José Guilherme Vereza vem consolidando sua carreira literária com um trabalho que é tributário de sua experiência de longos anos com a palavra, sobretudo no manuseio da linguagem como repositório de várias vertentes da comunicação. Como redator, diretor de criação, roteirista e professor, sua escrita lida com os signos da linguagem, daí o espaço privilegiado que o autor adquiriu no seu metiê, possibilitando amplificar seu olhar seja na ficção ou na crônica com o faro e o senso do jornalista, dando ao seu texto uma modulação de grande eficácia comunicativa.

Autor de livros de contos e romances, entre os quais “30 Segundos”, “A primeira noite de Melissa”, “Corações entre pernas”, “O jardim dos anjos” (Finalista do Prêmio Cesgranrio 2015) e “A noite da besta”, acaba de lançar em Lisboa o volume de crônicas “Meu imenso Portugal” (Ed. Kötter), que reúne sua recente produção no gênero.

Como assinala o escritor, crítico e ensaísta Celso Japiassu, também publicitário, “Vereza é um observador arguto a quem não escapa a observação da riqueza humana deste país que ele escolheu para morar e onde está chegando com os olhos abertos, sua inteligência para entender e a sua alma aberta para abraçar.”

Se em *A noite da besta* (Ed. 7 Letras, 2022) os contos do autor, explorando a densidade e tensão dos acontecimentos, vamos encontrar uma linguagem mais seca e direta para descrever, à moda de um Nelson Rodrigues, da vida como ela é, mapeando uma realidade social e humana premida por pequenos dramas individuais e coletivos, mazelas, conflitos, ambiguidades e mazelas do ser e do meio, nas crônicas do novo livro depara-se com um certo despojamento narrativo, a fluidez de uma palavra que incorpora outra dimensão ao exame dos acontecimentos, flagrantes, cenários e ocorrências cotidianas que o autor registra na sua vivência lisboeta.



José Guilherme Vereza

Flertando com o inusitado, o banal, o corriqueiro, Vereza extrai dos espaços urbanos que frequenta e da convivência com os costumes, valores, tradições e idiossincrasias da vida portuguesa, elementos para construção de uma refinada crônica sobre essa nova experiência vivencial, numa paisagem geográfica, cultural e humana que lhe oferta matéria e circunstâncias para uma construção literária que abarca em seu arcabouço narrativo a leveza poética e o amálgama da ironia ou de um discreto humor, na linha do que realizaram cronistas tradicionais, como um Rubem Braga e um Fernando Sabino.

Em “*Meu imenso Portugal*”, cujo texto evoca a canção de Chico Buarque, é também uma homenagem aos símbolos, totens e temas que remetem à nossa ancestralidade, pois nossas origens e

raízes tropicais dialogam entre si e permitem uma sinergia literária transoceânica, conferindo novos sentidos a esse grande território que é o idioma comum.

Genuinamente brasileira, a crônica é essa instância em que, desde a Carta de Pero Vaz de Caminha, escritores brasileiros vêm aprofundando seu rastreo da vida e seu entorno com inegável e fiel apreensão plástica e que teve em Medeiros e Albuquerque, Machado de Assis, João do Rio, Clarice Lispector, Rachel de Queirós, Drummond, Braga, Sabino, Otto Lara Resende, José Carlos de Oliveira etc uma galeria de estilistas, à qual agora se junta José Guilherme Vereza. Pois, como seus colegas de ofício, na versatilidade de sua oficina criativa, realiza o escrutínio do humano, do territorial, do onírico e do sensível, nada escapando, na bateia de sua garimpagem, à sua imersão cirúrgica e percuciente, pois cada coisa, cada lugar, cada objeto ou situação são *insights* para uma escrita delicada e cristalina, o que vai na direção do que disse Robert Arlt: “Quando se tem algo a escrever, escreve-se em qualquer lugar. Sobre uma bobina de papel ou num quarto infernal. Deus ou o Diabo estão juntos da gente ditando inefáveis palavras.”

Ronaldo Cagiano é escritor, poeta, contista, crítico literário e membro da Associação Nacional de Escritores. Reside em

Lisboa - Portugal.
ronaldo.cagiano@hotmail.com



Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional. Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

Esperança de Renascer

Rosani Abou Adal

Leito do Tietê em agonia, último suspiro do rio. Suas margens renascem entre dejetos e flores mortas. Suas águas, esgoto humano habitante do seu silêncio. Pausa para a despoluição dos governantes e políticos. A esperança do Tietê ser um novo rio e renascer em um novo tempo puro, claro e transparente.

Rosani Abou Adal - São Paulo (SP) - é vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão.
www.poetarosani.com.br



IDEIAS

Maria de Lourdes Alba

Como deixar as ideias morrerem
Morrerem
Como as deixar Ficar

Passeando na alvorada
Sinos pássaros videntes
O clarão do mundo me acolhe
Em pensamentos

Ideias que vêm que vão
Em vão
Nem sempre as uso elas fogem
E no transcendental se perdem

Maria de Lourdes Alba é escritora, poeta, jornalista e pós-graduada em Jornalismo.
albalou@uol.com.br





Diário de uma Artista no Pensionato

Almir Zarfeg

Andrea Donadon Leal marca sua estreia no romance com este “*Diário de uma artista no pensionato*” (Aldrava Letras e Artes, 2023) e, assim, adiciona mais uma importante realização à sua trajetória artística que já conta com inúmeras obras literárias (em verso e prosa) e também com pinturas em mostras individuais e exposições internacionais coletivas. Ela faz parte do grupo que lidera, desde o início, o Movimento Aldravista em Minas Gerais.

A obra é organizada em forma de diários, esse gênero textual que está vinculado à tipologia descritiva. No romance em questão, contudo, convém falar em tipologia narrativa, uma vez que se trata de ficção com as marcas da autobiografia ou autoficção, como se costuma dizer atualmente.

Diários, com efeito, através dos quais os protagonistas – a artista/esposa e o professor/esposo – se manifestam em sua intimidade, expressando suas opiniões e reflexões sobre a relação a dois, as situações cotidianas e as coisas que os cercam antes e durante o transcorrer da ação fabular.

Desses mesmos diários – que vão dar unidade à narrativa, sucedendo-se ao sabor dos acontecimentos – também vão lançar mão os chamados personagens secundários, como a faxineira, a senhora, o ex-padeiro e o estudante de medicina.

Outros recursos textuais e/ou estilísticos – como as cartas (enviadas pelos parentes da protagonista), o correio eletrônico (e-mail), a notícia de jornal, a pintura e o poema – também têm espaço garantido no romance de estreia de Andrea Donadon. Uma estratégia que se nos apresenta interessante (e até reveladora) na medida em que o livro vai, o tempo todo, estabelecer vínculos entre interior e capital, presente e passado, equilíbrio e desequilíbrio emocional, arte e antiarte.

Portanto, se à primeira vista o livro não traz nenhuma novidade da perspectiva da história – mesmo porque o tema é a paixão (pathos) e seus desdobramentos –, o enredo é construído de maneira eficiente e envolvente, de sorte que, ao final, ficamos com a sensação de que fomos impactados pelo drama da protagonista e, também, pelo “modus operandi” da narradora em tornar sua ficção convincente.

Longe de nós distribuir spoilers e, portanto, em vez de oferecer detalhes da história de amor entre a jovem artista interiorana e o professor universitário, vamos nos concentrar no enredo e nos aspectos constitutivos da arte de narrar.

A segunda parte do romance – marcada pelo que se convencionou chamar em teoria literária de ponto de virada – brinda os leitores com a mocinha chegando à “Pensão da Capital” ou pensionato, para passar uma temporada ou dar um tempo. Por conta própria e perturbação emocional, ela resolve deixar o marido e partir para a aventura. Pretende mudar de ares e, ao mesmo tempo, tocar sua carreira de pintora e escritora. Mas continua mantendo contato com o marido compreensivo via e-mail.

A ida da protagonista para a cidade grande, independentemente de qualquer ligação com a vida

real da autora, acrescenta muito à obra, pois a encontramos a partir daí num universo completamente diferente, pleno de novidades e repleto de motivações. Agora ela se cura da depressão socializando com os novos amigos, sobretudo com o estudante de jornalismo, também se entregando de corpo e alma à criação artística – pintando e escrevendo – no quarto convertido em ateliê.

É nesse cenário habitado por tipos humanos e suas idiossincrasias que a autora vai enriquecer sua obra, não com artifícios formais, mas imprimindo coloquialidade e empatia à narrativa. Os dramas humanos – narrados na 1ª pessoa de maneira simples, comvente e com competência técnica – envolvem os leitores, atraindo-os e tocando-os profundamente.

Mais do que a rotina dos pensionistas, como os estudantes de jornalismo e medicina, o ex-padeiro e a senhora (senhoria), Andrea explicita toda sorte de desafios materiais, familiares e psicológicos que determinam a vida de cada um deles. Sem fazer concessões de qualquer natureza.

Nem o final feliz – previsto e ansiado por muitos de nós – consegue superar a descrição do assassinato do estudante de jornalismo, numa das cenas mais impactantes do livro. Trata-se de um ho-



mossexual equivocado ideologicamente para quem viver é mais perigoso do que supunha Guimarães Rosa, pois pressupõe a rejeição social e familiar que beira o determinismo e a maldição inevitáveis. A morte dele – cujas cinzas são espalhadas pelo jardim da pensão como forma de homenagem – nos conduz às lágrimas.

A aula de semiótica – nas versões americana e europeia – constitui um espetáculo à parte protagonizado pelo professor. Compartilhada com os leitores, a lição semiótica/semiológica não teria sido tão bem-sucedida sem a ajuda desse gênero textual eficiente chamado diário. Um acerto da narradora Andrea, que não deve ser confundida com a personagem da trama.

O primeiro romance de Andrea Donadon, portanto, pode ser classificado como de formação, confissão, autobiográfico ou autoficção. Mas tudo isso precisa importar menos do que reconhecer o talento dela ao absorver a atenção do leitor, segurar pela mão e o conduzir do início ao fim da fábula. Até porque, leitor, “de te fabula narratur”. (risos)

Almir Zarfeg é escritor, poeta, ficcionista, jornalista e presidente de honra da Academia Teixeira de Letras.





Filie-se ao Sindicato dos Escritores

**Anuidade: 180,00 – Semestre: 90,00
– Trimestre: 45,00**

Pix: CNPJ: 43022334/0001-79 – Caixa Econômica Federal – conta: 2332-7 – agência: 1002

sindescritoresp@yahoo.com



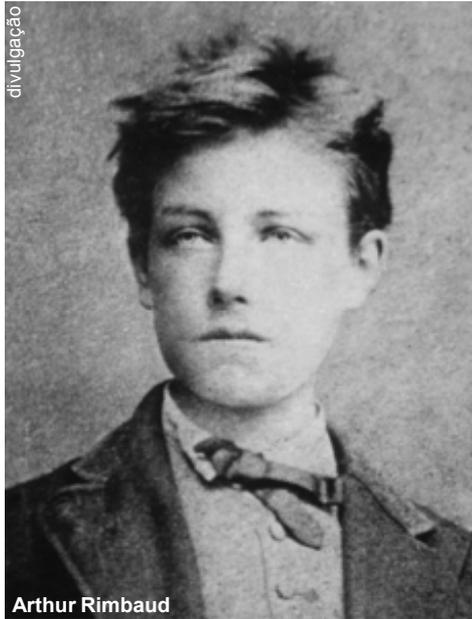
A ÚLTIMA VIAGEM DO ANDARILHO

Enéas Athanázio

Poucos poetas fascinaram tantas pessoas, em especial os jovens, quanto Jean Nicolas Arthur Rimbaud (1854/1891). Nascido em Charleville, nas Ardenas, produziu o melhor de sua obra em plena juventude e depois, numa atitude singular, nunca bem explicada, abandonou a poesia para sempre. Quando indagado a respeito, respondia de maneira seca e formal: Não me ocupo mais disso! Essa afirmação categórica entrou nos anais literários como “O Silêncio de Rimbaud.” Entregou-se desde cedo a uma deambulação constante, percorrendo enormes distâncias em trens, barcos, a cavalo e mesmo a pé por vários países europeus. Era um permanente chegar e partir da cidade natal, afrontando as iras da mãe, que só via no filho um vadio e inútil, incapaz de perceber o valor e a importância de uma poesia que influenciou poetas de todo o mundo e ditou novos rumos à poética universal.

Andou em Paris, onde teve um “affaire” com o poeta Paul Verlaine, que culminou em desavença e tiros, tendo este ferido Rimbaud, o que lhe valeu uma temporada na prisão. Foi a Londres e Berlim. Não satisfeito, enveredou pelo Oriente Médio. Esteve em Aden e Harrar, entregando-se a negócios variados. Comerciou com peles, café e até armas, havendo murmúrios de que chegou a traficar escravos, fato desmentido por seus biógrafos e pesquisadores. Viveu em concubinato com uma mulher etíope, negra, que ele descreveu como sendo de rara beleza. Fez muitas relações e conquistou amigos, embora fosse, por natureza, um solitário ensimesmado e um tanto carancudo. Foi o primeiro europeu a pisar o solo de lugares sagrados do Oriente Médio, onde só poderiam entrar os fiéis. Tornou-se conhecido entre os árabes como Rambô.

A vida transcorria numa agradável sequência de aventuras. Cavalgadas pelo deserto, pechinchas com os beduínos, contatos com os figurões e políticos tribais, intercâmbio com outras cidades, liberdade



Arthur Rimbaud

infinita. Mas o destino tecia sua trama e uma dor na perna começa a incomodar e vai num crescendo. Incha, aumenta, lateja. É diagnosticado um tumor e os tratamentos se sucedem. Vai a Marselha em busca de recursos, mas a doença se agrava e não há outro recurso senão a terrível amputação. Uma ironia da sorte que um andarilho por vocação se veja na situação de perder um dos membros inferiores. Mas é a triste e dura realidade.

Repetem-se idas e vindas entre a casa materna e o hospital. Luta de maneira denodada para se acostumar com as muletas e a perna de pau, envernizada. As dores, porém, reiniciam e o tumor reaparece, alastrando-se pelo corpo, implacável, incurável. Tem início um rosário de sofrimentos, remédios, terapias, massagens, choques elétricos. O apetite desaparece, não consegue se alimentar e nem sequer se mover. É uma agonia prolongada até o derradeiro dia, sempre assistido pela incansável e devotada irmã Isabelle. A mãe, impermeável, quase não o visita. E assim, depois de infindáveis sofrimentos, falece aos 31 anos de idade um dos maiores poetas da extraordinária literatura francesa.

A irmã abnegada trata dos trâmites para trasladar o corpo a

Charleville, cidade natal. Surgem exigências sanitárias. É colocado num caixão revestido de chumbo e recoberto com uma camada de carvão. Embarcado no trem e depois numa carroça, é conduzido ao cemitério de sua cidade. Como únicas acompanhantes, a mãe e a irmã, num dia frio e nublado, sombrio e triste. Assim termina a última viagem de Arthur Rimbaud.

Esses fatos e muito mais podem ser lidos no livro “O Regresso – A última viagem de Rimbaud”, de autoria de Lúcia Bettencourt, publicado pela Editora Rocco (Rio de Janeiro – 2015). Com grande elegância e maestria a autora retrata os momentos cruciais da vida conturbada do grande poeta. Vale a pena.



Enéas Athanázio - Balneário Camboriú (SC) - é escritor, biógrafo, ensaísta e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Lua fingida

Olivia Ikeda

Se fosse a Lua sincera,
Mostraria a outra face
E não só a meia esfera
Que melhor se apresentasse.

Mas a Lua é diferente,
É bailarina e atriz:
Girando, mostra pra gente
Só o seu lado feliz.

Por que, então, mostraria
A verdade nua e crua,
Eu, tão leve e arredia,
Eu que sou filha da Lua?

Aceita, então, meu querido,
Só o que posso dizer,
Pois o que tenho exibido
É só o que aguentas ver.



Olivia Ikeda é escritora, poeta e advogada. uma das homenageadas do 33º Festival de Arte Contemporânea Psiu Poético.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 150,00
Semestral: R\$ 75,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil.
Banco Bradesco - agência 0165 - conta 0013923-8
PIX: (11) 97358-6255 ou rosani@linguagemviva.com.br
Enviar comprovante e endereço para
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 97358-6255



O Pequeno Príncipe universal

Evaldo Balbino

Sempre sou criança, não me esqueço de inventar a vida e de tecê-la para tê-la inteira, tela toda cheia de aquarelas e palavras e um asteroide tão pequeno e imenso que nos cabe.

Amo o asteroide donde brotam astros cintilantes, vulcões mansos e uma flor tão frágil e manhosa, a verdadeira flor, a minha única.

Amo a Terra onde existimos, apesar do áspero caminho escrito pelos pés dos peregrinos sobre a areia, a água, o ar imenso.

Amo a Terra onde caminhamos sobre o pó exausto da existência – aqui e lá é dor e alegria.

Vejo a jiboia e dentro dela o elefante vivo e evidente, pois tem dente a vida, dona doida, lúcida senhora, sorridente.

Vago no deserto onde os poços cingem a imagem evanescente de um infante esperto e sonhador.

Vago onde as flores vivas dizem das pessoas que vagam sem raízes, erram pela vida, vão perdidas.

Vago no deserto onde tenho uma raposa amiga e cativante que nos dá lições de sermos plácidos com um mundo olvidado de amar.

Vejo no deserto a serpente, ouço sua fala, seus desejos, e sinto o nosso anseio imensurável de ver a flor inteira, ver estrelas

(a inefável flor de nosso sonho, a que nos ama tanto, a primeira, a derradeira flor que nos exaure de tanto o amor amar no grão mistério dos leitos estelares e de lágrimas).

Sempre sou criança, ó meu menino, e não me canso nunca de sonhar.

Em memória dos 80 anos dessa voz narrativa e lírica de Antoine de Saint-Exupéry



Evaldo Balbino - Belo Horizonte (MG)- é mestre em Literatura Brasileira e doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais e presidente da Academia de Letras de São João del-Rei.
evaldo_balbino@yahoo.com.br

Pontos de Luz

Djanira Pio

Ondas iluminadas
vão e voltam
pacientemente
por toda a noite.

Lambem a areia
num gesto de carícia
por toda a noite.

Luzes salpicadas
em pontos luminosos
velam esse movimento

pacientemente por toda a noite.

Pontos de luz
na abóbada celeste
brilham insistentemente.

E por toda a noite
iluminam pontos escuros.

Djanira Pio - São Paulo (SP) - é escritora, poeta, contista, romancista, professora aposentada e membro da Academia Santarritense de Letras. Tem trabalhos publicados na França, Itália e Portugal. Autora do livro de poemas Olhares, entre outros.



A voz da Rita Lee

Isabel Furini

Voam as folhas de Maio
emagrece o calendário
morre a rosa vermelha
espalha o seu perfume
mas os espinhos de ontem
permanecem fincados nas mãos
voa a borboleta
e não fica confinada pelo vidro da janela
a morte espreira
o amor míngua como a Lua
o mundo é um jardim longe do éden
- é um local de amarguras e de mágoas

de repente, ouvimos
Doce Vampiro na voz irreverente da Rita Lee
e percebemos
que na caixa de Pandora do mundo
ainda dança a esperança

Isabel Furini - Curitiba (PR) - é escritora e educadora. Autora de Os Corvos de Van Gogh (poemas), entre outros. Criadora do Projeto Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação César Egido Serrano (Espanha, 2017).



Chalezinho vermelho

Escobar Fanelas

O chalezinho vermelho era uma construção antiga que ficava numa rua sem saída nos confins de Itaguases. Lá, a velhinha vivia só. Vezoutra recebia a visita da netinha que, mandada pela filha, lhe trazia notícias da rua e alguma coisa diferente pra comer. A mulher trabalhava longe, dormia no trabalho mesmo e, sem tempo para visitá-la, incumbia a menina de ir vê-la e dar uma faxinada na casa. As três mulheres viviam só.

Com as chuvas de verão, as bocas-de-lobo carregadas de sujeira não suportaram, vomitaram toda a excrescência depositada nas artérias debaixo da pele dura do asfalto. As águas diluviaram e pela primeira vez subiram acima do combinado, alcançaram a cama

da vovozinha e fizeram dela uma jangada. Mãe e filha, quando enfim conseguiram aproximar-se para socorrê-la, a encontraram surfando, a quilha do estrado batendo na janela. Quando os bombeiros enfim chegaram, arfantes, esfomeados e inseguros, a boa senhora, quase cega, semiparalítica e um pouco surda, praticava vela com um varal.

Segundo as últimas notícias, os militares suspenderam as buscas por causa do mau tempo. “Amanhã cedo continuaremos à procura das duas”, informou o comandante Lobão, responsável pelas buscas.

Escobar Fanelas - São Paulo (SP) - é escritor, romancista, poeta e produtor audiovisual.





Livros

Eu Amo muito Júlia, que agora é Júlio, romance de Fernando Jorge, Editora Vermelho Marinho, Rio de Janeiro, 200 páginas.

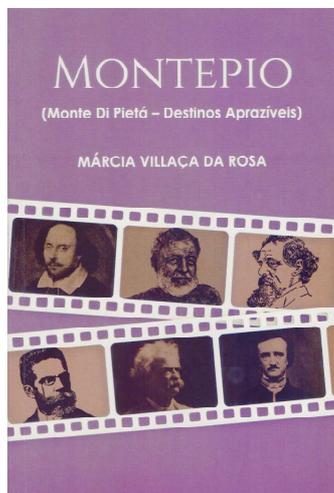
ISBN: 978-85-8265-319-7.

Fernando Jorge é escritor, jornalista, colaborador do LV, historiador, biógrafo, crítico literário, dicionarista e enciclopedista. Foi agraciado com o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, Prêmio Clio da Academia Paulista de História e com a Medalha de Koeler, pelos grandes serviços prestados à cultura brasileira, da Câmara Municipal de Petrópolis.

Um romance envolvente que narra a paixão do jornalista Robinson Plummer - nascido em Ohio (EUA) - pela sua esposa transexual, a professora americana Júlia. Ele não sabia sobre o transexualismo da esposa que agora vira homem e é Júlio.

Editora Vermelho Marinho: <http://editoravermelhomarinho.com.br>

Fernando Jorge: <https://fernandojorge.com/>



Montepio (Monte Di Pietá - Destinos Aprazíveis), Márcia Villaca da Rosa, All Print Editora, São Paulo, 64 páginas.

ISBN: 978-65-5822-217-0.

Márcia Rosa é escritora, poeta, jornalista e colaboradora do LV. Formada em Comunicação Social - Jornalismo - na PUC, em Letras - Português - na USP e em Língua Inglesa na UNIP - modalidade E.A.D. Autora de *Santa Clara*, *Scree Coeur* e *Whitehaven*.

A obra é dividida em dois capítulos: I - Roteiros Literários que tem como objetivo convidar o leitor para conhecer melhor as casas e museus de cânones da literatura mundial visitados pela autora; e II - Poemas. O livro é ilustrado com fotos.

Márcia Villaca da Rosa: rosamarcia435@gmail.com

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

SARAU - Poesia, Crônica & Autobiografia



João Barcellos

“É hora. Temos que publicar a coletânea ‘Sarau’ que o João Barcellos nos mostrou no último encontro noético...”, disse Helena de Novaes em ‘whatsapp’ para os grupos no entorno do Centro de Estudos do Humanismo Crítico.

Sugestão acatada, ela mesma tratou de selecionar do ‘calhamaço’ original os temas a publicar. Assim eu soube que ‘Sarau’ seria livro, finalmente. C.J.

Não é todos os dias que se tem acesso à memória ativa de um intelectual inteiramente independente de ‘mágicas’ editoriais e ideológicas, porque João Barcellos é ele mesmo, e pronto. A sua leitura de mundo abrange “o mundo a partir d’Eu mesmo, sem crenças políticas ou místicas” (como gosta de dizer).

Ao gravar para o ‘@Canal Filosófico’ e o ‘@Canal Tecnológico’, no YouTube, recentemente (abril, 2023), João Barcellos reiniciou a sua comunicação para mais gente, embora prefira os livros e as palestras com até 20 presenças, porque “...o melhor é falar olhos nos olhos: a pessoa interessada absorve as mensagens e discute-as, as massas não escutam, servem”, como ele diz. E não foi fácil fazê-lo sentar novamente atrás de uma câmera e de um microfone, ele é o filósofo-poeta e o tecnólogo em pesquisa de campo permanente, pois, “...quatro paredes, acadêmicas ou não, impedem o cérebro li-

bertário de se expandir culturalmente”.

Depois de mais duas dezenas de livros em vários países (poesia, teatro, romance e cinema, história), e mais seis com abordagens às tecnologias da Comunicação Visual, João Barcellos tornou-se uma referência para vários grupos alternativos de debates, na Europa e na América Latina, jornada que iniciou com o amigo e poeta Francisco Igreja e a ‘benção filosófica’ de Antônio Carlos Villaça (do Pen Clube), quando ainda vivia e fazia pesquisas a partir do Rio de Janeiro (1987 a 1989), o que retomou no México e em Buenos Aires e na Sampa (a partir de 1990-91). É o intelectual mais luso-brasileiro que eu conheço e “o fazedor de conteúdos literário-históricos e técnicos (sobre têxteis, gráficos e ciência em geral) que me faz reler conceitos e romper dogmas”, disse dele a lusocanadense Louise Torres em encontro do Grupo de Debates Noética (fevereiro, 2023).

Tive a honra de ler a peça literária ‘Sarau’ antes da publicação, junto com a 2ª Edição de ‘Identidade & Cultura Popular’, e nela encontrei a alma intelectual de João Barcellos. Entre poemas e crônicas (além da ‘avaliação’ das gentes ‘noéticas’) lá está o luso-brasileiro cuja diáspora não se encerra no estar além da ‘terrinha’, porque transformou a sua viagem em uma odisséia que inquieta (de maneira positiva) quem com ele trabalha em fuso sociocultural; no que, inclusive, releu e pôs os ‘pingos nos is’ na história de várias cidades e personalidades. “É um animal cultural que não se contenta em estar, bebe no mundo a sua forma de ser e assim é ele mesmo uma referência” (‘Um Português Sem Retórica Colonial’, Aziz Ab’Sáber: jornal ‘Treze Listras / TzL’, 1991); esta apreciação do geógrafo uspiano e amigo de várias conversas historiográficas, diz tudo sobre João Barcellos. E o que se lê no livro ‘Sarau’ é a alma de um intelectual a tempo inteiro como “um cântico à liberdade amorosamente vivida”.

Cris Jordão - G. D. Noética



Cyro de Mattos

Cyro de Mattos, com *Infância com bicho e pesadelos (e outras histórias)*, foi agraciado com o Prêmio Casa de las Americas 2023, na categoria Literatura Brasileira. A obra foi publicada pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia e Academia de Letras da Bahia, Coleção Mestres da Literatura Baiana. Na categoria Contos foi laureado *Todos somos islas*, de Luis Felipe Núñez Mestre (Colômbia); *Después del incendio (Papeles de guerra: Venezuela 2017-2021)*, de Eduardo Ernesto Viloria Daboín (Venezuela), na categoria Testimonial; José Lezama Lima, Gustavo Pereira com o Prêmio Honorário de Poesia.

O **Sarau Sopa de Letrinhas**, realizado, no dia 3 de junho, contou com as participações dos poetas Marcelo Brettas (homenageado), de Shirlene Holanda, Alessandro de Paula, Vitor Miranda, Ira Rebella, Benedito Bergamo, Miê Liriá, Ná Estima, Vera Campano, Clara Baccarin, Rosani Abou Adal, Marina Ruivo, Carolina Montone, Luiza Silva Oliveira, Daniel Perroni Ratto, Roza Moncayo, Remisson Aniceto, Beth Brait Alvim e Cesar Augusto de Carvalho; e dos músicos Arnaldo Afonso, Teju Franco, Marcio Policastro, Álvaro Cueva, Ricardo Moreira, Nando Távora e Fractal. O próximo sarau, com microfone aberto, será realizado no dia 8 de julho, das 14 às 18 horas, no Bar do Julinho, Rua Mourato Coelho, 585, em São Paulo.

Lúcia Helena Galvão lançou *Instantes de um tempo interior*, pela Literare Books International, que reúne 166 poemas escritos em diferentes fases da sua vida.

A **Câmara Brasileira do Livro** se tornou a primeira agência brasileira do ISNI, número de identificação global (International Standard Name Identifier).

Notícias

A **Missão Paulina** foi criada e fundada pelo Padre Tiago Alberione em 1915. As Irmãs Paulinas chegaram no Brasil em 1931. Recebeu a aprovação por parte do Vaticano, em 1953, pelos trabalhos da instituição Pia Sociedade das Filhas de São Paulo. A Missão Paulina foi reconhecida como um Instituto Religioso de Direito Pontifício: apóstolas. No dia 15 de maio foi comemorado o empenho dessas mulheres religiosas em levar o exemplo de Paulo Apóstolo. A Irmã Tecla Merlo, cofundadora do Instituto, também se destacou na história das Paulinas. A Paulinas Editora é referência de qualidade, ética e respeito pela diversidade cultural.

Sumario de Plantas Oficiais, do colombiano Efrén A. Giraldo, obra agraciada com o Prêmio de Não Ficção Latinoamérica Independente em 2022, será publicada em 9 países latino-americanos pelas editoras organizadoras.

Clóvis de Barros Filho, filósofo e escritor, lançou os livros *A felicidade é inútil (La Felicidad es inútil)* e *Epaminondas: o gato explicador (Epaminondas: el gato filósofo)*, versão em espanhol, que foram publicados na Argentina em parceria entre o Grupo Citadell - responsável pelos títulos no Brasil - e o Del Fondo Editorial.

O **2º Concurso Internacional de Ensaio – Prêmio Gilberto Freyre 2022-2023**, organizado pela Global Editora em parceria com a Fundação Gilberto Freyre, agraciou *Fachadas e estigmas: A modernização da sociedade brasileira à luz de Gilberto Freyre*, de Ulisses do Valle.

Haruki Murakami, escritor japonês cotado pelo Prêmio Nobel de Literatura, foi agraciado pelo Prêmio Princesa de Astúrias, na categoria Letras.

A **BibliON**, biblioteca digital gratuita de São Paulo, foi agraciada com o Prêmio Seleção Mobile Time 2023, através de voto popular, na categoria Inovação com Impacto Social/Ambiental.

Casa Velha, romance de Machado de Assis, publicado nos folhetins da Revista Carioca em 1886 e redescoberto nos anos de 1940, ganhou edição atualizada pelo Grupo Editorial Edipro.

Rita Lee, escritora e multi-instrumentista, faleceu no dia 8 de maio, em São Paulo. Nasceu em São Paulo no dia 31 de dezembro de 1947. Autora do livro infantil *Storynhas*, ilustrado por Laerte, de contos *Dropz*, do infantil *Amiga Ursa: uma história triste, mas com final feliz*, da autobiografia *Rita Lee: uma autobiografia*, do livro de fotos *FavoRita* e de *Rita Lee: outra autobiografia*.

A **Editora da Universidade de São Paulo** e a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP-Leste promoveram em maio a 11ª Festa do Livro da USP Leste – EACH, em São Paulo.

O **3º Prêmio Literário Máquina de Contos** agraciou *O incerto destino de Isaias Abreu*, de Douglas Luiz de Oliveira Santos, *Memória viva*, de Marianna Borges, e *Gal*, de Gedimar Pereira Barbosa.

Ronaldo Cagiano e Eltania André participaram da 5ª Edição do Festival Literário Douro, realizado em maio, em São Martinho de Anta, Portugal, no Espaço Miguel Torga. As Mesas contaram com a participação dos escritores brasileiros Antônio Torres e Ronaldo Cagiano, do caboverdiano Germano Almeida e de autores portugueses.

A **Feira do Livro e o Festival Literário**, organizados pela Associação Quatro Cinco Um e Maré Produções, foram realizados de 7 a 11 de junho, na Praça Charles Miller, em São Paulo.

O **II Encontro de Escritores em Arinos**, realizado no dia 19 de maio, abrigou na programação palestras de Danilo Gomes sobre “Afonso Arinos e o Sertão”, Marcelo Perrone Campos “O Romantismo no Brasil”, Xiko Mendes “São Romão e Paracatu na Formação de Municípios” e de Edmilson Caminha “A Poesia de Carlos Drummond de Andrade”. Participaram, além dos palestrantes, os escritores Adirson Vasconcelos, Ariovado Pereira de Souza, Carlos Viegas, Fabio de Sousa Coutinho, Kátia Luzia Lima Ferreira, Maurício Melo Júnior, Mauro de Albuquerque Madeira, Wilson Pereira e Wilson Rosato. O evento, com o apoio do prefeito Marclício Almeida, teve organização de Napoleão Valadares.

Marco Lucchesi, poeta, romancista, memorialista, ensaísta, tradutor, editor e membro da Academia Brasileira de Letras tomou posse, no dia 30 de maio, como novo presidente da Fundação Biblioteca Nacional. A sessão solene contou com a presença da ministra da Cultura Margareth Menezes.

O **VII Congresso Internacional de Literatura Infantil e Juvenil – Educação literária: mudanças em movimento** será realizado, no Centro de Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto (MG), de 6 a 8 de dezembro. Será promovido pelo grupo de pesquisa Formação de professores e as práticas educativas em leitura, literatura e avaliação do texto literário - Proleli -, Programa de Pós-graduação em educação UFOP, Universidade Federal de Ouro Preto, Pós-graduação UFOP, Programa de Pós-Graduação UNESP, UNESP e Learned Language. Inscrições e informações em <https://cilij.ufop.br/>.

Woldney Ribeiro de Souza, restaurador de livros e responsável técnico pela manutenção e organização do acervo do Instituto Câmara Cascudo (Ludovicus), descobriu nove obras de Câmara Cascudo. Dentre elas, *Caveira no campo de trigo e outros poemas íntimos*.

Viviane Gouvêa lançou, pela Editora Planeta, *Exterminio: duzentos anos de um Estado genocida*. A autora se baseia em oito acontecimentos-chave da história nacional no período democrático que explicam determinados comportamentos sociais.

O **Prêmio Sesc de Literatura 2023** agraciou *Outro outono de carne estranha*, de Airton Souza, como melhor Romance; e *O ninho*, de Bethânia Pires Amaro, na categoria Conto.

Marçal Aquino, escritor e jornalista, autografou os livros *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, *Faroestes* e *Baixo Esplendor*, em maio, na Livraria da Travessa. O evento, que faz parte da campanha #censuranão, foi realizado como forma de protesto contra a Universidade de Rio Verde de Goiás que retirou do seu vestíbulo *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*, conforme pedido do deputado bolsonarista Gustavo Gayer (PL-GO) que classificou o livro “pornográfico”.